



ESTRATÉGIAS DE RECRIAÇÃO DA IDENTIDADE ENTRE AS BRASILEIRAS EM PEQUIM: INTERFACES ENTRE RAÇA E GÊNERO

Ana Carolina Costa Porto¹
Tereza Correia da Nóbrega Queiroz²

RESUMO

O presente artigo tem como intuito aprofundar questões sinalizadas na tese de doutorado “Chega de Samba: estratégias de recriação das identidades entre as brasileiras em Pequim” (2014). Naquela pesquisa, buscamos analisar, com base nas histórias de vida de 15 entrevistadas, as formas de recriação da identidade entre as brasileiras residentes na capital da China, que tencionavam se distanciar do estereótipo da brasileira sensual e submissa, vigente em outros países receptores. Neste estudo, investigamos, a partir do aprofundamento da análise das entrevistas narrativas, por que essas brasileiras reconstróem suas identidades apartadas de elementos culturais brasileiros vinculados à cultura negra, como o samba e o Carnaval. Como a maioria das entrevistadas eram brancas e pertencentes à classe média e média alta, elas construía estratégias de distanciamento dos estereótipos imputados às brasileiras, muitas vezes com base no discurso de empoderamento feminino, mas findavam por tentar realizar um branqueamento da cultura brasileira.

Palavras-chave: Migração, Gênero, Raça, Identidade Brasileira.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa aspectos que não puderam ser aprofundados durante a construção da tese de doutorado intitulada “Chega de Samba: estratégias de recriação das identidades entre as brasileiras em Pequim” (2014), em que pesquisamos trajetórias migratórias e reconfiguração identitária de 15 brasileiras na capital da República Popular da China. O grupo de brasileiras entrevistadas era o mais diverso possível em termos de idade, motivação migracional e nível socioeconômico, embora a maioria das entrevistadas fossem de classe³ média ou média alta. As

¹ Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Paraíba, louporto23@gmail.com

² Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Paraíba, queiroz.tereza@gmail.com

³ Entendemos o conceito de classe como grupos de pessoas que compartilham recursos econômicos, educacionais e de consumo, níveis de estima social e estilo de vida. Não iremos, contudo, problematizar esse conceito, tendo em vista que a discussão em torno da raça aparece de maneira mais contundente nessa pesquisa, apesar de concordarmos com Helena Hirata (2014) que, à guisa de Danièle Kergoat, considera que a interseccionalidade entre os conceitos de gênero, raça e classe social é uma ferramenta importante de combate à opressão.



poucas⁴ brasileiras que tinham origem nas classes menos abastadas desfrutavam, na China, de um padrão de vida compatível com a classe média.

O que chama a atenção, contudo, é que, apesar dessa diversidade, prevalece entre elas a divulgação de certa versão da cultura brasileira apartada de elementos da cultura negra, como o Carnaval, o samba e a capoeira, que são justamente os que foram elevados à categoria de identidade nacional. Grupos relacionados à capoeira e ao samba existem em Pequim, o Templo do Samba e a Capoeira Mandinga, mas não são mantidos por brasileiros e têm participação ínfima deles.

Aliado a isso, o depoimento de algumas brasileiras que dizem não se sentirem reféns do estereótipo da brasileira sensual, justamente por não serem reconhecidas como brasileiras, isto é, ou por serem descendentes de imigrantes europeus no Brasil ou por não corresponderem ao fenótipo da mulata, também vem reforçar esse distanciamento.

Neste sentido, nos caberia perguntar se esse afastamento de elementos da cultura negra na construção da identidade brasileira em Pequim se deve a uma tentativa de distanciamento do estereótipo da mulata sensual, por conta da carga de violência simbólica nele embutida, ou estamos diante de um processo de braqueamento da cultura brasileira na China?

No que tange ao conceito de braqueamento, Lilia Schwarcz (2013) no livro “Nem preto, Nem branco, muito pelo contrário”, escreve que o branqueamento das culturas negras ocorre desde a década de 1930, quando a ideia de construção de uma identidade nacional marcada pela mestiçagem foi oficialmente estimulada, por meio da “desafricanização de vários elementos culturais”, entre eles, a feijoada (2013, p. 758).

Hofbauer (2006), por sua vez, aponta que esse conceito abarca tanto um discurso ideológico, quanto o branqueamento efetivo de parte da população. No caso deste artigo, estamos nos referindo ao branqueamento ideológico, tendo em vista que investigamos o distanciamento de manifestações culturais oriundas da cultura negra da construção da identidade cultural entre as brasileiras em Pequim.

METODOLOGIA

⁴ Não houve espaço, nessa pesquisa, para fazer uma análise detalhada das diferenças entre as brasileiras de classe média e as de origem menos abastada. Essa interface será estabelecida em outra fase da investigação.

No que se refere aos percursos metodológicos dessa investigação, podemos destacar a realização de entrevistas narrativas, principiando pelo tópico principal da pesquisa, ou por uma “questão gerativa narrativa” (FLICK, 2004, p. 106). Depois dessa primeira conversa organizada de forma mais livre, fizemos perguntas objetivando esclarecer ou ampliar questões.

A pesquisa que redundou na tese teve início com uma estadia de 5 meses em Pequim e o encontro com brasileiras ali residentes suscitou perguntas sobre questões de gênero no contexto da migração internacional, sobretudo devido à crescente feminização das trajetórias migratórias (SOUZA, 2018). Essa viagem ocorreu no ano de 2011⁵ e a presença maior de brasileiros e brasileiras na China se relacionava com um novo contexto de relações internacionais, com um maior intercâmbio entre os chamados países emergentes, entre os quais se incluía a China e o Brasil, e também com o amadurecimento, que se inicia em 2003, das relações comerciais sino-brasileiras (BECARD, 2011).

Embora a quantidade⁶ de brasileiros à época fosse pequena comparada a outros países receptores, o protagonismo assumido pelas brasileiras no trabalho de divulgação de certa versão da cultura brasileira despertou o nosso interesse investigativo. A participação nos eventos organizados pelo Brapeq⁷ (Brasileiros em Pequim – grupo que reunia os brasileiros⁸, mas era encabeçado exclusivamente por mulheres) – almoços, *happy hours*, São João, Natal e Festival de Cinema Brasileiro – nos permitiu encontrar as primeiras brasileiras que viriam a fazer parte da pesquisa. Por meio do método bola de neve⁹, em que uma entrevistada indicava outra para fazer parte da investigação, fomos chegando às demais. Buscamos também abarcar a maior diversidade possível em termos de idade, profissão, nível socioeconômico e motivação migracional.

A leitura dos relatos e o aprofundamento das questões que exploramos nesse artigo está ancorada na análise de conteúdo de Bardin (1977), partindo de uma investigação temática que visa compreender os núcleos de sentido presentes nas construções discursivas. Dessa forma,

⁵ A pesquisa de campo, com a realização de entrevistas em profundidade com 15 brasileiras, foi complementada com um estágio doutoral (Capes/PDSE), na Chinese Academy of Social Sciences, em Pequim, no ano de 2012.

⁶ Em 2010, segundo dados do IBGE, havia 2.209 brasileiros vivendo na China. Em 2015, segundo o censo de estimativas populacionais do Itamaraty, existiam 16.160 brasileiros em toda a China, dos quais, 900 em Pequim.

⁷ Além dos eventos do Brapeq, podemos destacar outros projetos individuais que eram levados à frente por brasileiras em Pequim, como o Festival Doc Brasil, o Clube do Livro Brasil-China e o *Enough of Samba*.

⁸ Segundo uma das ex-integrantes, o Brapeq foi extinto em 2018.

⁹ Apesar de suas limitações, o método bola de neve se mostra bastante útil quando se trata de pesquisa que requer confiança por parte das entrevistadas (VINUTO, 2014).

enfaticamos, nesta pesquisa, as entrevistas que traziam a interface entre gênero e raça de forma mais explícita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para um melhor entendimento das diferenças e semelhanças entre as entrevistadas, nesse rumo, estabelecemos a tipologia migração por reagrupamento familiar e por trabalho ou estudo. O primeiro grupo foi formado por mulheres que migraram principalmente por reagrupamento familiar e passaram a ter um protagonismo inédito em Pequim, em torno da constituição e funcionamento de uma associação de brasileiras. Seu protagonismo concentrou-se, principalmente, na área cultural e identitária.

O grupo formado pelas brasileiras que migraram por reagrupamento familiar é, em sua maioria, composto de mulheres entre os 30 e os 60 anos, de classe média e média alta, e que migraram para acompanhar os maridos brasileiros ou estrangeiros e já se mudaram para a China levando os filhos. Uma das exceções fica por conta de uma brasileira que migrou para encontrar os pais que moravam em Pequim, conheceu um estrangeiro e constituiu família naquele país.

As brasileiras que migraram por reagrupamento familiar permaneceram tendo a família como centro de sua preocupação, haja vista que a grande maioria se vinculava ao Brapeq, cuja agenda se organizava em torno de aspectos relacionados à família, desde almoços (que ocorriam quase sempre durante a semana), até a presença de um dos principais eventos, a festa de Natal.

Isso, porém, não impediu que algumas brasileiras desse grupo tivessem encontrado – sobretudo, por meio do contato com demais estrangeiras provenientes de países nos quais as mulheres desenvolveram maior autonomia pessoal – na migração o elemento para um reposicionamento de suas atitudes perante a família, o que implicava, muitas vezes, uma emancipação em relação a papéis tradicionais de gênero e o rompimento com a comunidade brasileira. Uma delas, inclusive, ao se aproximar de mulheres de outras nacionalidades, encontrou nelas referências e apoios favoráveis à ruptura com o casamento, assumindo comportamentos mais liberais e mais distanciados dos papéis tradicionais de gênero. É o que podemos perceber na fala dela:

As brasileiras me diziam que eu deveria continuar casada. Elas são todas casadas. Não encontrei apoio nesse meio. O que é que eu fiz? Eu sabia que a diretora da escola é uma mulher divorciada. Uma inglesa que se divorciou aqui. E que deu certo! Tem a vida dela. Tem um namorado mais jovem que ela. Tomara que isso aconteça comigo! (risos) Deve acontecer. Então, assim, fui buscar ajuda nela. Fui falar com

ela e disse: “não vejo mulheres separadas aqui além de você”. Preciso de ajuda! Eu quero me separar. Ela é bem britânica, decidida e disse: “se separe”!

O que podemos perceber no relato dessa brasileira é uma admiração em relação ao que ela identifica como perfil emancipatório das mulheres britânicas e, ao mesmo tempo, um afastamento no que concerne ao perfil das mulheres brasileiras com as quais convivia. Essa percepção da entrevistada exemplifica bem o que Segato (2012) denomina de feminismo eurocêntrico, ou seja, aquele que considera que há uma dominação patriarcal em todas as culturas indistintamente, o que implica que as mulheres brancas europeias podem repassar os seus conhecimentos em torno dos direitos relativos às mulheres para as não brancas e de países do Sul, perspectiva que foi interiorizada por essa brasileira.

De um lado podemos, de fato, observar um empoderamento por parte dessa brasileira, tendo em vista que se trata de um “processo da conquista da autonomia, da autodeterminação”, como escreve Cecília Sardenberg (2006, p. 2), de outro lado, porém, é um empoderamento que, desconectado de uma ação coletiva, finda por reforçar estereótipos e, inclusive, o racismo velado nas práticas de branqueamento da cultura brasileira.

No caso da brasileira que estamos analisando, há que se considerar, contudo, que essa virada em direção à autonomia se deve ao contato com culturas distintas e relações de gênero mais igualitárias ou, mais precisamente, à migração, que podemos identificar como um instrumento de empoderamento (SARDENBERG, 2006). Essa interferência do processo migratório na emancipação feminina, todavia, não é necessariamente obrigatória (GHOSH, 2009), ainda que possamos encontrar pesquisas em que essa interface de fato se estabelece.

Após essa reviravolta, ela estabeleceu um caminho bem mais próximo das brasileiras pertencentes ao outro grupo que é constituído por mulheres que migraram por conta própria, motivadas por trabalho e estudo. Esse grupo é composto por brasileiras na faixa dos 20 aos 30 anos, de classe média, ou estudantes de graduação ou já graduadas, que vêm buscar aperfeiçoar estudos ou experiências.

O grupo composto pelas brasileiras que migraram por trabalho e estudo, justamente por encontrarem nesses dois elementos suas motivações migracionais, tinha um trânsito maior dentro da bolha internacional¹⁰ de Pequim. Em outras palavras, elas tinham muito mais contato

¹⁰ O termo "bolhas internacionais" é uma categoria nativa empregada pelos brasileiros residentes em Pequim para se referir aos espaços com grande concentração de estrangeiros e onde estão localizados os estabelecimentos comerciais de diversos países, como lojas, bares, restaurantes, e os condomínios

com demais estrangeiros e estrangeiras, o que pode ter contribuído para o espelhamento identitário, na medida em que, como veremos à frente, a reconstrução da identidade brasileira em Pequim se estabelecia em torno de uma identidade mais próxima da mulher europeia e americana¹¹. Isso porque as brasileiras em Pequim demonstravam, por várias atitudes, um desejo de distanciamento do estereótipo tradicional da mulher brasileira, evitando determinadas manifestações culturais como o Carnaval, em que aquele estereótipo era exacerbado na figura da sambista, da mulata cheia de curvas.

Alguns trabalhos anteriores sobre migração feminina, neste sentido, destacavam que, em países europeus, as brasileiras enfrentavam estereótipos que as definiam como mulheres sensuais, emotivas, mais submissas e afeitas à domesticidade (MEIHY, 2004; REZENDE, 2009), enquanto as europeias eram vistas como mulheres mais independentes, profissionais, menos sexualizadas, mais racionais, menos emotivas.

Nas análises realizadas sobre a trajetória de migração e o cotidiano das brasileiras em Pequim, percebemos que há um empenho, por parte delas, para a reconstrução de uma identidade brasileira que se distancia do vínculo com elementos originários da cultura negra, como o samba e o Carnaval. Esse aspecto é reforçado pelo fato de os dois principais grupos relacionados à cultura negra brasileira não serem conduzidos por brasileiros e contarem com a participação de apenas uma brasileira.

O primeiro grupo é de percussão brasileira, Templo do Samba, criado em São Francisco, em 2002, pelos norte-americanos Jimmy Biala e Leon Lee. O grupo, que nasceu com o nome de SambAsia, mudou-se para Beijing em 2006. Composto em sua maioria por chineses e demais asiáticos, o Templo do Samba – o nome assim, em português mesmo, foi adotado em 2011 – realiza apresentações em Pequim e em outras partes da China e também possui uma escola de percussão brasileira¹².

O que ocorre no Templo do Samba também se reflete em outros exemplos, é como se as manifestações da cultura negra brasileira existissem apartadas da comunidade brasileira em

internacionais. Wu e Webber (2004), ao fazerem uma análise sobre os condomínios fechados para estrangeiros em Pequim, mostraram como as reformas políticas que culminaram com a abertura da China para o capital estrangeiro, em 1992, implicaram a criação de espaços residenciais e comerciais voltados para o estilo de vida ocidental.

¹¹ Nos referimos a europeias (inglesas, francesas e italianas, principalmente) e americanas por serem as mais predominantes no círculo de amizade das brasileiras.

¹² Essas informações nos foram cedidas pelo próprio grupo em 2012.

Pequim. No caso do Capoeira¹³ Mandinga Beijing, que é vinculado ao Mestre Caveirinha, que tem escolas de capoeira espalhadas pelo mundo, há apenas uma brasileira, a mesma integrante do Templo do Samba, participando das atividades.

Esse fenômeno de não serem os músicos e artistas brasileiros os principais divulgadores da cultura negra brasileira é algo que diverge bastante da realidade de outros países. Torresan (1994), por exemplo, aponta, em sua pesquisa sobre imigrantes brasileiros em Londres, como eles estão relacionados a trabalhos como professores de samba, mestres de capoeira ou como integrantes de grupos musicais de samba. Ennes e Ramos (2018), em pesquisa sobre brasileiros em Portugal, mencionam os circuitos musicais de samba, forró, axé e sertanejo, organizados tanto por brasileiros, quanto por demais imigrantes.

Outro aspecto que também se afasta dessa perspectiva presente em países como os Estados Unidos é a força dada ao São João e ao Carnaval. Ribeiro (1999), no seu estudo sobre a identidade brasileira em São Francisco, faz uma divisão em “pequenos cenários” e “grandes cenários” para classificar os eventos relacionados à comunidade brasileira. Nos pequenos cenários, está o São João, festa que, de acordo com ele, não apresenta uma periodicidade definida.

Enquanto as festas juninas apresentam uma expressividade pequena na comunidade brasileira em São Francisco, o Carnaval é, segundo o próprio Ribeiro (1999), o evento que mais chama a atenção para a cultura brasileira, embora seja, também, um momento de celebração da cultura latina em geral.

Entre os brasileiros em Pequim, contudo, o quadro se reverte. O Carnaval¹⁴, simplesmente, sequer fazia parte do calendário do Brapeq. O São João, por sua vez, tinha data marcada nas festividades do grupo. Uma das integrantes do Brapeq, casada com um estrangeiro, disse que a inclusão do São João no calendário se devia ao caráter mais familiar da festa. E ela, enquanto mãe, queria mostrar para os seus filhos, todos nascidos na China, “a verdadeira cultura brasileira”.

¹³ Em pesquisas sobre migração brasileira em distintos países receptores, a capoeira, a feijoada e o samba aparecem como principais representantes da cultura brasileira. (RIBEIRO, 1999; OLIVEIRA, 1999).

¹⁴ Em documento que nos foi enviado pelas integrantes do Brapeq em 2011, consta que uma das sugestões dadas pelos brasileiros, em pesquisa realizada pela instituição, foi justamente a inclusão do Carnaval no calendário de eventos.

O grande evento da comunidade brasileira acaba nem sendo o Carnaval, nem o São João, mas o Festival de Cinema Brasileiro. O festival, cuja terceira edição foi realizada em 2012, é um evento que dura, em média, uma semana, durante o qual são exibidos filmes nacionais, a maioria fora do circuito comercial brasileiro.

O que chama a atenção no festival é justamente a preocupação das organizadoras em não ficarem restritas a alguns estereótipos associados ao Brasil. Isso, aliás, transparece na citação de uma delas, que aparece no texto “Buscando seu espaço na China”, publicada no dia 23 de outubro de 2011, no caderno 2 do jornal O Estado de S. Paulo: “Tentei fugir da hegemonia do filme favela, o objetivo é misturar gêneros e mostrar a nossa cultura”.

Nesse rumo, a forma como essas brasileiras vêm construindo a identidade, ou melhor, as identidades brasileiras, endossa, mais uma vez, as palavras de Hall (2005, p. 12) que concebe a identidade como “uma celebração móvel”, constantemente reconstruída segundo cada contexto. No caso das brasileiras em Pequim essa reconstrução identitária passa pela ruptura com alguns estereótipos, com o objetivo de erguer uma bandeira de uma identidade múltipla e diversa. O que precisamos responder, porém, é o porquê de se desvincularem dos aspectos relacionados justamente à cultura negra.

Do ponto de vista das brasileiras responsáveis pela escolha do São João como festa brasileira, em contraposição ao Carnaval, houve a justificativa de que aquela festa é genuinamente brasileira, enquanto o Carnaval existiria em outros países. Ora, o fato de a folia de momo também ser realizada em outros países não retira o seu caráter de representação cultural do Brasil, pela peculiaridade – sem esquecer a diversidade – que apresenta em terras brasileiras.

Esse, porém, não é o ponto principal do jogo de estratégias que vem sendo desenvolvido pelas brasileiras. Em primeiro lugar, é preciso considerar que a versão mais difundida do São João¹⁵ é de uma festa religiosa, que está bem mais vinculada ao universo familiar. O Carnaval, por sua vez, já tem uma imagem – muitas vezes engessada em uma parcela do que é o Carnaval carioca – em que belas mulatas, seminuas, dançam em cima de carros alegóricos. Por isso,

¹⁵ Embora algumas manifestações dos festejos juninos também possuam interferência da cultura negra e dos povos indígenas, a versão da festa de São João que alcança maior expressão no país é, nas palavras de Amaral (1998, p. 159), “certamente uma herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a ela se mesclaram na Europa”.

muito possivelmente as brasileiras em Pequim declararam guerra contra essa festa, procurando desvinculá-la da identidade brasileira.

Outro aspecto que endossa essa compreensão diz respeito ao fato de algumas dessas brasileiras dizerem que não se sentem reféns do estereótipo da “brasileira sensual” por não possuírem atributos físicos das mulheres negras. É o que o transparece no discurso dessa entrevistada, ao comentar o fato de não ser assediada pelos chineses:

Eu acho que esse não é o meu caso nem o seu. Você é magrinha. É mais a mulher violãozinho. Melancia! Até existe, sabe? Mas nunca vi ninguém me tratar assim.

Outra brasileira, quase em tom de comemoração, comentou: *Mas eu não me sinto mais ligada ao Brasil! Quando as pessoas me conhecem agora, elas não dizem que eu sou brasileira. Dizem que eu vim de outro país.*

Esse não reconhecimento enquanto brasileiras é bem explicitado na pesquisa que Claudia Barcellos Rezende (2009) faz sobre estudantes brasileiros de doutorado na Europa e Estados Unidos ao mostrar que a aparência de brasileiro implicava o pertencimento a uma raça, a negra, e quase sempre a um gênero específico, o feminino:

Nas entrevistas, quando eu perguntava se em algum momento haviam sido tratados de forma distinta por serem brasileiros, a maioria entendia que eu indagava se teriam tido problemas ou mesmo sofrido discriminação das pessoas locais. Com isso, ficava claro que não se poderia sentir-se brasileiro de uma forma genérica, mas sim com um corpo particular – um gênero e uma raça específicos. (REZENDE, 2009, p. 64).

A identificação com a brasilidade, nesse rumo, significava possuir atributos físicos de origem negra, ser mulher e ter disposição à sensualidade, ou seja, personificar a figura da mulata. No caso das brasileiras na China, como a maioria delas seria percebida como branca no Brasil – muitas delas tinham ascendência alemã ou italiana e eram vistas como estrangeiras, sem definição de origem, pelos chineses – não se viam aprisionadas por esse estereótipo, embora tivessem claro, por experiências anteriores em outros países receptores, as implicações de serem percebidas como brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por um lado, poderíamos pensar que as brasileiras se debruçam sobre essa estratégia justamente por serem elas as que sentem de maneira mais incisiva o peso do estereótipo da brasileira sensual. Por outro lado, é importante lembrar que essa recriação deveria passar pela desconstrução da excessiva sexualização da mulher negra e não pelo afastamento completo dessa da arena do embate. Essa estratégia, dessa forma, deveria se calcar em uma

ressignificação do corpo feminino negro (FIGUEIREDO, 2015), como representação desse corpo das mulheres brasileiras.

Neste sentido, poderemos dizer que o distanciamento da aparência de brasileiro, no qual também está embutido um afastamento de características fenotípicas da raça negra, assim como da cultura brasileira de origem negra, nos revela mais uma faceta do racismo à brasileira, que se estabelece, na maioria das vezes, de forma velada.

Ora, discutimos aqui o quanto essa aparência de brasileiro está carregada do componente da raça, especificamente negra, e do gênero feminino. Além disso, como já havia elucidado Nogueira (2006), no Brasil há um processo de enraizamento do preconceito de raça, tanto nas crianças brancas, quanto nas crianças negras. Quase sempre em tom de gracejos, piadas racistas são perpetuadas e qualquer tentativa de chamar a atenção para o racismo aí presente é percebido como ofensa.

Neste rumo, tendo em vista a forma como o racismo vem sendo difundido no Brasil, muito possivelmente essas brasileiras não tenham se dado conta de que buscar distanciar-se de elementos culturais originários da cultura negra na estratégia de reconstrução da identidade brasileira em Pequim seja uma espécie de tentativa de branqueamento da cultura brasileira, tal como ocorreu com o incentivo ao processo de miscigenação no Brasil.

Não podemos deixar de notar que há um empoderamento por parte dessas brasileiras ao se afastarem das amarras que o estereótipo da brasileira excessivamente sexualizada e submissa lhes impõe. Todavia, o combate a essa cultura do machismo, sob a forma de identificação da brasileira com a independência e o mundo do trabalho, não pode prescindir dos elementos da cultura negra brasileira e, a um só tempo, não pode se submeter às hierarquias de poder dos países que foram colonizadores, e cuja dominação pode se perpetuar no âmbito cultural, com a valorização de suas culturas e a desvalorização dos latinos e outros grupos.

Se enfatizarmos as mulheres americanas e europeias como representantes de um exemplo a ser seguido, como aparece muitas vezes no discurso das entrevistadas, estaremos reforçando o racismo. Talvez o caminho esteja na ressignificação da aparência de brasileira, a partir do componente raça e gênero, em uma evidente atitude de reconhecimento e de empoderamento.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R. C. M. P. *Festa à brasileira: significados do festejar no país que “não é sério”*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECARD, D. S. R. O que esperar das relações Brasil-China? *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 19, n. suplementar, p. 31-44, nov. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v19s1/04.pdf> Acesso em: 23 maio 2019.

ENNES, M.; RAMOS, N. A presença brasileira em Portugal: interculturalismo e consumo cultural. In: BÓGUS, L.; BAENINGER, R. (orgs.). *A nova face da emigração internacional no Brasil*. São Paulo: EDUC, 2018. p. 1-22. ePub.

FIGUEIREDO, A. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. *Periódicus*. Revista de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades, Salvador, v. 1, n. 3, p. 152-169, maio/out. 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14261> Acesso em 20 ago. 2017.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GHOSH, J. *Human Development Research Paper 2009/04*. Migration and gender empowerment: Recent trends and emerging issues. United Nations Development Programme, abr. 2009. Disponível em: http://purochioe.rojasdatabank.info/HDRP_2009_04.pdf Acesso em: 23 maio 2019.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Revista Tempo Social*, v. 26, p. 61-73, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100005 Acesso em: 30 ago. 2019.

HOFBAUER, A. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

IBGE. *Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/> (Acesso em: 22 mar. 2013).

ITAMARATY. *Brasileiros no mundo*. Estimativas RCN 2015. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf> Acesso em: 22 maio 2019.

MEIHY, J. C. S. B. *Brasil fora de si: Experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestões de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, nov. 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/12545-15428-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/12545-15428-1-PB%20(1).pdf) Acesso em: 5 out. 2017.

OLIVEIRA, A. C. Repensando a identidade dentro da imigração *dekassegui*. In: REIS, Rossana Rocha.; SALES, Teresa. (orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Editorial Boitempo, 1999. p. 275-307.

PORTO, A. C. C. *Chega de samba: estratégias de recriação da identidade entre as brasileiras em Pequim*. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

REZENDE, C. B. *Retratos do estrangeiro: identidade brasileira, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

RIBEIRO, G. L. O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa. (orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999. p.45-85.

SARDENBERG, C. M. B. Conceituado “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO EMPODERAMENTO, 1, 2006, Salvador. *Repositório UFBA*. Salvador: UFBA, 2006. p. 1-12. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf> Acesso em: 14 abr. 2019.

SEGATO, R. L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES*, Coimbra, n. 18, p. 106-131, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1533> Acesso em: 2 fev. 2019.

SOUZA, I. C. F. de. Emoções no processo migratório de brasileiras na Itália. In: BÓGUS, L.; BAENINGER, R. (orgs.). *A nova face da emigração internacional no Brasil*. São Paulo: EDUC, 2018. p. 1-21. ePub.

TORRESAN, A. *Quem parte, quem fica: uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres*. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TREVISAN, C. Buscando seu espaço na China. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. D7, 23. out. 2011.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas-SP, v. 22, n. 44, p. 201-218, ago./dez. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Raissa/Downloads/2144-6186-1-PB.pdf> Acesso em: 22 maio 2019.

WU, F.; WEBBER, K. The rise of “foreign gated communities” in Beijing: between economic globalization and local institutions. *Cities*, v. 21, n. 3, p. 203-213, jun. 2004. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264275104000289?via%3Dihub> Acesso em: 22 mar. 2019.